

cultura industrial x alianças globais: o caso das mamadeiras

Cristine Nogueira Nunes¹

Há mais de trinta anos o consenso científico atesta a superioridade do leite humano para a alimentação de recém-nascidos e comprova a grande influência da administração de leites artificiais no aumento das taxas de morbidade e mortalidade infantil. No entanto, ainda hoje tal conhecimento tende a permanecer restrito à esfera da saúde pública nos países signatários das alianças internacionais em prol da causa, escapando ao domínio da sociedade como um todo.

O artigo busca traçar um paralelo entre o saber científico produzido com relação à alimentação artificial de bebês, os avanços industriais alcançados pela produção de mamadeiras e o esforço empenhado por alianças globais no sentido de difundir e defender esse conhecimento.

Palavras-chave: Mamadeiras, Hábitos de consumo, Alianças globais, Responsabilidade Social.

¹ Doutoranda em Design - PUC-Rio. Mestre em Design PUC-Rio. Bacharel em Design - ESDI-UERJ. Docente do Departamento de Artes e Design - PUC-Rio. E-mail: cristinenogueira13@gmail.com

cultura industrial x alianças globais: o caso das mamadeiras

Cristine Nogueira Nunes

Dentre os bens de consumo que se propõem a facilitar procedimentos humanos básicos, como higiene e alimentação, e cujo uso está culturalmente arraigado em diversos grupos sociais, está a mamadeira, veículo para a alimentação artificial de lactentes.

Há registros do uso de objetos com função análoga desde a era pré-cristã, mas o processo de industrialização concedeu significativo aprimoramento funcional e estético ao produto, contribuindo para a disseminação e enraizamento cultural da prática da alimentação artificial de bebês em várias partes do mundo.

Desde os anos 1970, no entanto, uma mudança radical alterou o paradigma científico sobre a questão, promovida pela seqüência de trabalhos que discutiam a relação entre a prática de comercialização de alimentos infantis e o declínio dos índices de amamentação ao seio. O relatório *The baby killer*, encomendado pela entidade caritativa britânica *War or Want* ao jornalista Mike Muller, denunciou as conseqüências devastadoras da comercialização de fórmulas infantis e de seu veículo – a mamadeira – em países do Terceiro Mundo, tantas vezes desprovidos de condições de higiene, de acesso à água de qualidade e de capacidades mínimas financeiras para manter seu consumo.

Um esforço da comunidade científica internacional, governos e sociedade civil se dedicou então, a partir dos anos 1980, à reversão daquele cenário, sujeitando a produção industrial a controle e fiscalização pelo *International Code of Marketing of Breast-Milk Substitutes* e, no Brasil, pela *Norma Brasileira para a Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de Primeira Infância e de Bicos, Chupetas e Mamadeiras*.

A última pesquisa brasileira, realizada em 1999, acusava que a média nacional de amamentação exclusiva até o quarto mês de vida era de 21,6%².

Os modelos de mamadeiras, bicos e chupetas prosseguem no processo de sofisticação de suas capacidades estéticas e funcionais.

O questionamento da validade do emprego desses produtos na alimentação de lactentes tende a ser recebido com surpresa e resistência pelo público consumidor.

Em 2009, a diretriz de campanha da *World Alliance for Breastfeeding Action* será “Amamentação: uma resposta vital à emergência”.

A necessidade de auxiliar a luta pelo resgate da prática da amamentação constitui um desafio contemporâneo para o Design, na contramão, portanto, de sua até então preponderante dedicação ao projeto desses utensílios para a indústria.

² Indicadores de morbidade e fatores de risco - D20 Taxa de prevalência de aleitamento materno exclusivo - DATASUS 1999, disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibd2006/d20.htm>.

notas sobre a presença da **mamadeira** na história da alimentação de lactentes

Registros arqueológicos indicam que a mamadeira assumiu, no decorrer de sua longa história, variadas configurações e níveis de complexidade formal, coerentes com as possibilidades materiais e técnicas de cada época e lugar. A longa presença do artefato na história da humanidade nos faz indagar sobre como e por que a capacidade da mulher em amamentar seus filhos ao seio passou a ser encarada como um problema, para o qual se fez necessária a busca de soluções artificiais alternativas.

As altas taxas de mortalidade de crianças de primeira infância costumam ser citadas pelos estudiosos da história antiga, medieval e moderna. Dentre os diversos motivos para o fenômeno, são apontadas doenças como a varíola, poucos procedimentos de higiene, medicina insipiente, guerras etc. (Ariès, 1981)

O site *Babybottle Museum* exhibe, entre muitos outros modelos de mamadeiras, a popularmente apelidada de “Mummies Darling”, e orgulhosamente chamada “The National”. Produzida em larga escala nos anos 1880, a inovação contribuiu para a conformação dos índices de mortalidade infantil da Inglaterra Vitoriana, época em que apenas duas em dez crianças conseguiam ultrapassar os dois anos de idade³.



À esquerda, a mamadeira vitoriana.

À direita, a primeira mamadeira norte-americana, patenteada por Charles M. Windship em 1841.

Na imagem, percebe-se que a tampa da garrafa de vidro era atravessada por uma espécie de canudo estreito “impossível de lavar”, fazendo com que sua “higiene fosse freqüentemente relegada ao ponto da não existência”⁴.

³ De acordo com o artigo “*The not so friendly bottle*”, disponível em www.babybottle-museum.co.uk/murder.htm.

⁴ Idem.

Voltando um pouco no tempo, temos no século XVI uma fase crucial para a disseminação da mentalidade europeia para outros continentes e culturas, dado importante para o entendimento dos motivos que justificam uma globalização do uso de “substitutos da mãe” em forma de artefatos⁵.

Consta que tais produtos permitiam que bebês se alimentassem com certa autonomia, liberando suas mães para a realização de outros afazeres. A inexistência de valorização social e moral do amor materno e familiar nas sociedades europeias constituía um argumento substancial para desobrigar as mulheres pertencentes às classes dominantes da amamentação de seus filhos. A tarefa era considerada “indigna para uma dama” (Ariés, 1981; Almeida, 1999), e essa conduta tendia a ser reproduzida pelas demais classes, desejosas de distinção social. Afinal, em um mundo que expandia seus horizontes com as Grandes Navegações, onde a noção de civilidade fazia contraste com o “primitivismo” das terras recém descobertas, e a moral religiosa – somada a interesses nacionalistas – capitaneava um processo de vulgarização da cultura popular, portar-se como um mamífero soava incoerente (Barbero, 2006: 135).

Foi com essa visão que os colonizadores chegaram às Américas. No caso do Brasil, eles delegaram às índias cunhas a tarefa de amamentar seus filhos. Estas foram depois substituídas pelas escravas africanas, a quem era imposto o desmame dos próprios filhos em favor do aleitamento de crianças brancas (Almeida, 1999: 30).



O processo de industrialização veio então revolucionar a economia e as relações sociais, trazendo expressiva contribuição para a questão da alimentação infantil. Em 1867 iniciou-se a produção da *farinha láctea*, primeira alimentação artificial do mundo, segundo seu criador Henri Nestlé (Suíça). Em 1873 foram vendidas 50.000 caixas de alimentos de leite da Nestlé na Europa, Estados Unidos, Argentina, México e Índias Neerlandesas e, a partir da abertura de mercado, outras companhias foram criadas⁶. Novos modelos de mamadeiras resultavam da invenção da borracha vulcanizada (1840), que viria a possibilitar o surgimento de bicos elasticamente ajustáveis aos recipientes de vidro.

⁵ Termo empregado por Almeida, 1999.

⁶ *Cronologia da campanha*, disponível em www.ibfan.org.

No século XIX, a mamadeira se tornaria um dos símbolos de modernidade e urbanismo, embora o paradigma higienista tivesse passado a recomendar a amamentação como forma de garantir saúde àqueles que futuramente defenderiam a soberania dos Estados. Junto ao leite em pó, o produto era prescrito pela classe médica sempre que as mães relatavam alguma insegurança com relação ao aleitamento⁷.

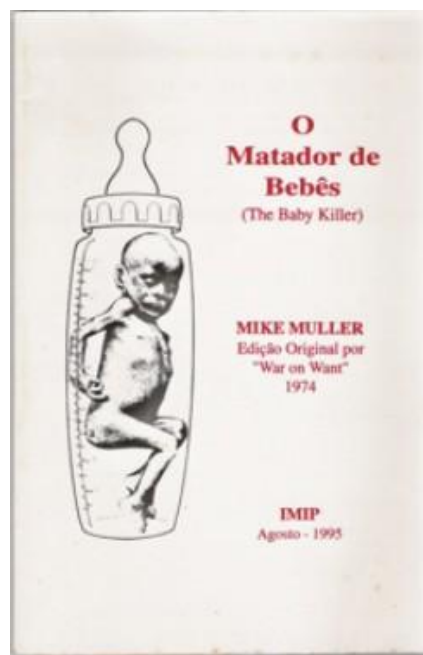
Em 1939 ocorreu o primeiro alerta sobre as conseqüências danosas da alimentação com mamadeira e leite condensado, no Rotary Club de Cingapura, em palestra da Dra. Cicely Williams, sob o título “Leite e homicídios”. Na ocasião, Williams sugeriu que “a propaganda enganosa sobre alimentação infantil” deveria “ser castigada como o mais criminoso tipo de sedição, e as mortes reconhecidas como assassinato”.

Quando em 1974 foi lançado *The baby killer*⁸, os danos da prática da alimentação artificial mediada pela mamadeira à população africana (como também às de outros continentes do Terceiro Mundo) entrou em cena de maneira estridente. Vale destacar passagem do texto de abertura da publicação pelo impacto de seu conteúdo:

Bebês do Terceiro Mundo estão morrendo porque suas mães os alimentam no estilo ocidental, com leites infantis em mamadeira. Muitos dos que não morrem entram num círculo vicioso de má nutrição e doença que os deixará física e intelectualmente retardados pelo resto de suas vidas. O fato assustador é que esse sofrimento é evitável. O remédio está à disposição de todos, exceto para uma pequena minoria de mães que não pode amamentar. Isso porque o leite materno é aceito por todos como o melhor alimento para qualquer bebê com menos de 6 meses.

Apesar de até a própria indústria de alimentos infantis concordar que isso é correto, um número cada vez maior de mães do Terceiro Mundo se está voltando para a alimentação artificial durante os primeiros meses de vida de seus bebês. Na miséria e pobreza das novas cidades da África, Ásia e América Latina, freqüentemente a decisão é fatal.

A indústria de alimentos infantis é acusada de promover seus produtos em comunidades que não podem usá-los adequadamente, de usar propaganda, vendedoras em uniformes de enfermeiras, de distribuir amostras e donativos para persuadir as mães a abandonarem a amamentação (Muller, 1995).



⁷ Em 1968, o impacto causado pelo marketing das indústrias sobre a saúde das crianças foi definido como “desnutrição comerciogênica” pelo Dr. Derrick Jelliffe in *Cronologia da campanha*, op. cit.

⁸ O livro, com as características de um relatório, foi motivado por uma série de pesquisas que discutiam a relação entre a prática da comercialização de alimentos infantis e o declínio dos índices de amamentação, à época reunidas e debatidas em evento organizado pela Organização das Nações Unidas. *War on Want* – uma de muitas entidades caritativas que trabalhavam em prol do suprimento de alimentos e outros produtos a países do Terceiro Mundo – decidiu questionar os efeitos de seu próprio trabalho junto a essas populações.

Uma reviravolta então se processou, pois vieram à tona notícias dos muitos resultados aterradores daquela que havia se tornado uma prática corriqueira e moderna. Do vasto elenco de problemas desvelados pelo relatório constavam: a falta de condições sanitárias para o processo de higienização de mamadeiras; a dificuldade de acesso à água de qualidade para a hidratação do leite em pó; a falta de recursos para a aquisição de novas latas de leite, além das que haviam sido doadas (o que levou aquelas mães a aumentarem a quantidade de água na solução para fazer o pó render mais); e o desmame precoce, provocado de maneira irreversível pelas estratégias das indústrias naquelas regiões. As conseqüências deste conjunto de problemas eram dramáticas: diarreia, desnutrição e morte.

A polêmica provocada pela publicação resultou em uma mobilização internacional para a retomada da valorização da prática de amamentar, liderada pela OMS/Unicef. Com isso, no início da década de 1980, a superioridade do aleitamento materno sobre qualquer outro procedimento para alimentar bebês tornou-se unânime no meio científico, gerando um movimento em favor da prática. Segundo o banco de dados da OMS sobre amamentação:

Apesar do reconhecimento geral das vantagens do leite materno sobre o artificial, mesmo em países industrializados, as taxas de amamentação, no geral, são baixas e só agora começam a melhorar, como é o caso da França, Itália, Holanda, Espanha, Suíça e Reino Unido. Na Suécia, uma exceção, 98% dos bebês, em 1990, tinham mamado em algum momento de suas vidas. Progressos nas taxas de alimentação exclusiva com leite materno até os 4 meses foram obtidos na Polônia, que passou de 1,5% em 1988 para 17% em 1995; Suécia, de 55% em 1992 para 61% em 1993 e Armênia, de 0,7% em 1993 para 20,8% em 1997.

Os dados para a Região das Américas indicam que a porcentagem de crianças que chegaram a mamar em algum momento é alta em alguns países: Chile, 97% em 1993; Colômbia, 95% em 1995; Equador 96% em 1994. Por outro lado, as taxas de amamentação exclusiva até os 4 meses, ainda que altas se comparadas com outras regiões, são mais modestas e estão caindo: Bolívia, 59% em 1989 e 53% em 1994; Colômbia, 19% em 1993 e 16% em 1995; República Dominicana, 14% em 1986 e 10% em 1991 (www.opas.org.br e www.who.int/nut/db_bfd.htm).

Hoje, as posições culturais em relação às práticas de alimentação de lactentes variam muito. Nos EUA, a amamentação em público é freqüentemente coibida, como ilustram os casos de mães que foram proibidas de amamentar seus bebês nos salões da *Starbuds*, na loja *Victoria Secret* e a bordo de um avião da *Delta Airlines* (www.aleitamento.org.br; www.usatoday.com). Uma cultura estética global prega padrões de beleza que incluem implantes de silicone. Persiste também o mito de que os seios “caem” com a amamentação, afastando muitas mulheres da decisão pelo aleitamento de seus filhos. Enquanto isso, as indústrias de leite artificial e de mamadeiras continuam modernizando seus produtos e estratégias de venda.



modelos de mamadeiras disponíveis no mercado

O discurso em prol do uso de mamadeiras – presente em sites dos fabricantes, nas embalagens dos produtos e em algumas publicações – viola normas estabelecidas internacionalmente, por enfatizar que os produtos oferecem a garantia da pesquisa científica de ponta, o aval de renomados designers, e por sublinhar que os produtos podem dar respostas seguras às inquietações dos pais diante do desafio de alimentar seus bebês. A retórica desse discurso estabelece analogias formais entre a mamadeira e o seio materno, concedendo ao produto industrial capacidades funcionais próprias da natureza feminina.

A seguir, selecionamos sete modelos de mamadeira atualmente disponíveis no mercado internacional, aqui apresentados junto a trechos de seus textos promocionais⁹.



Projetada junto a especialistas em amamentação, a revolucionária nova *Tomme Tippee Closer to Nature Easi Vent* **imita o fluxo natural, o movimento e a suavidade do seio materno (...)**. Sua forma única **encoraja a ação natural de seu bebê a migrar do seio à mamadeira, transformando-a em uma segunda natureza** (www.tommeetippee.co.uk).

O fluxo do leite que o bebê ingere por intermédio da mamadeira é mais intenso que o da amamentação. O bebê alimentado ao seio consegue sugar conforme sua própria demanda, respirando nos intervalos que lhe convém. Por outro lado, a mamadeira goteja, obrigando a criança a acelerar seu ritmo de sucção e a alterar seu processo mecânico instintivo em razão da necessidade de elevar a língua ao céu da boca para contrair o bico do produto. Este movimento artificial traz conseqüências para o processo respiratório e para a anatomia da arcada dentária do bebê. Além disso, não há “ação natural” alguma na migração do seio à mamadeira, pois este é um produto inventado.



A mamadeira *Dr. Brown's* **vem recebendo numerosos prêmios de design e sendo aclamada pela comunidade médica**. Na verdade, muitas de nossas mamadeiras têm sido adotadas por **hospitais, UTIs neonatais, e consultórios médicos**. Mais importantes são os testemunhos de mães e pais por todo o mundo, expressando sua **excitação por inseri-la nos hábitos de alimentação de seus bebês** (www.handi-craft.com/about-us/dr-brown-story.htm).

Prêmios de design e de medicina têm agraciado projetos de mamadeiras como se elas não oferecessem risco algum às crianças. Mas os hospitais públicos dos países signatários da aliança internacional em prol da amamentação proíbem a entrada do artefato em suas dependências. As indústrias de leites artificiais tradicionalmente mantêm relação muito próxima a profissionais da rede privada de saúde, fornecendo-lhes facilidades, brindes e promoções (Goldemberg, 1989). O nível de enraizamento do produto na cultura é tão alto, que a adesão às novidades realmente poderá se dar “com excitação”, à revelia da extensa quantidade de informação disponível sobre os problemas por ele provocados.

⁹ Grifos da autora

Podemos estabelecer uma analogia formal entre esses dois modelos e aquela mamadeira vitoriana “impossível de limpar”. Sob o argumento de que eliminam bolhas de ar – presumivelmente responsáveis pela promoção de cólicas nos bebês –, os modelos modernos apresentam um tubo (acoplado à tampa) que percorre todo o corpo do objeto, que deverá ser limpo com uma pequenina escova, bastante fina, segundo as instruções dos manuais.



Lave suas mãos cuidadosamente com sabão cada vez que você for preparar uma refeição para o bebê, assim começam as instruções sobre a alimentação com mamadeira, no ‘Livro das Mães’, da Nestlé. Na capital de Malawi 66% das moradias não têm nenhuma facilidade de higiene. Sessenta por cento não têm cozinha dentro da moradia. A Nestlé vende leite para alimentar bebês nessas comunidades (Muller, 1994: 27).

Na figura ao lado, vemos um modelo de mamadeira bastante atual, a Ultivent, que, diferentemente dos modelos comuns, apresenta a vantagem da abertura do corpo do produto na parte inferior para facilitar a lavagem. Sua estrutura geral, entretanto, é baseada em roscas conectoras e o bico é constituído por material com características físicas aderentes. A indisponibilidade de condições para esterilizar essas peças cria, em cerca de duas horas, um ambiente propício ao surgimento de colônias de bactérias, que irão infectar o próximo alimento ali depositado.



Como a mamadeira *Lindam* pode ajudar? **Bebês têm um sistema digestivo imaturo e um fluxo natural ininterrupto de leite é vital para uma mamada confortável.** A mamadeira Lindam é a única que permite a você controlar o ar dentro do frasco com o toque de um botão. **Esse fluxo livre de leite é uma característica física da amamentação** (www.lindam.com/lindam/bottle.html).



O *First Years Breastflow Infant Feeding System* **simula os movimentos de sucção da amamentação, compressão e fluxo de leite. Proporciona ao bebê gratificação imediata, diferentemente do que lhe oferece a lactante, cujo leite usualmente demora alguns segundos para verter.** (www.core77.com.bullitts/206/08/Herbst-LaZar-Bell-First-Years.asp).

Esses discursos insistem no argumento de que o fluxo ininterrupto reproduz a amamentação. O primeiro modelo é dotado de um botão de acionamento manual para garantir o fluxo de leite sem bolhas de ar. O texto promocional do segundo modelo afirma que o processo natural de produção de leite na amamentação apresenta desvantagens em relação ao da mamadeira, omitindo a informação de que 98% do leite materno são produzidos pelo organismo feminino a partir do estímulo de sucção do bebê.



A mamadeira [angular fisiológica *Chicco*] permite aleitar a criança na posição correta, proporcionando uma **mamada natural desde os primeiros dias de vida**. A forma larga especial e a borracha flexível do bico oferecem as **melhores condições possíveis para o aleitamento são** (www.chicco.pt).

A aliança mundial em prol da amamentação aconselha que as crianças sejam alimentadas ao seio de maneira exclusiva (sem água, chás ou sucos) até os seis meses. Outros alimentos devem ser acrescentados aos poucos, em conduta a ser mantida idealmente até os dois anos ou mais. O Código Internacional de Substitutos do Leite proíbe que as indústrias utilizem recursos promocionais que se refiram à substituição do leite materno pelo artificial. No entanto, contrariando a norma, os fabricantes recomendam a utilização da mamadeira Chicco “desde os primeiros dias de vida”, defendendo esta conduta como determinante de um “aleitamento são”.



A nova mamadeira *MAM [Ultivent]* foi **projetada especificamente para funcionar como a amamentação**. (...) **O design é um elemento extremamente relevante para a empresa**. “MAM loves me” (www.mambaby.com).



Para pais iniciantes ou experientes, a escolha entre amamentação e mamadeira pode produzir uma vasta lista de prós e contras. (...) [*Adiri Natural Nurser*] é **projetada para simular a aparência e a sensação de uma mamada real** (www.core77.com/bullits/2007/08/Whipsaw-Adiri-Natural-Nurser.asp).

A simulação de capacidades humanas por produtos é colocada como função da atividade da indústria e do design. Aqui cabe o esclarecimento de Andrew Radford, coordenador nacional da organização não-governamental *Baby Milk Action*:

A idéia de substituir leite materno por artificial pode ser comparada à de sugerir que substituam os rins por aparelhos de diálise. Ambos, aparelhos de diálise e leites artificiais cumprem um papel que pode salvar vidas, mas usá-los no lugar dos órgãos originais do corpo humano é desperdício de recursos. Felizmente ninguém sugeriu que os rins não sejam capazes de eliminar os resíduos do corpo. Por outro lado, a alimentação por mamadeira tem sido promovida como alternativa viável ao leite materno. (...) A amamentação é boa para os bebês e para as mães e o leite materno é um produto ecologicamente saudável. A mamadeira causa a morte de um milhão e meio de bebês por ano e prejudica a saúde de inúmeros outros (Radford, 1992).

Outros vários fatores, listados a seguir, demonstram o quanto a prática do uso da mamadeira e dos leites artificiais está implantada na sociedade, o que contraria frontalmente o conhecimento alcançado sobre o assunto.

Um fato relevante é que, em 2008, a OMS admitiu que a tabela de crescimento de crianças por ela distribuída estava superestimada. A imprecisão se deveu ao fato de que as curvas utilizadas haviam sido fixadas em 1977, tendo por referência bebês alimentados com leite artificial. Depois disso é que foi esclarecido que crianças alimentadas ao seio ganham menos peso e altura (em relação às alimentadas com leites artificiais) a partir do terceiro mês de vida. Assim, durante muito tempo, leites artificiais foram prescritos a crianças que vinham sendo amamentadas, com o intuito de complementar sua alimentação e seu peso, que estaria “aquém” dos padrões estabelecidos pela tabela oficial (Débora Kanarek, in www.aleitamento.com).

Ao nível ambiental, o leite materno é um dos poucos alimentos “produzidos e liberados para consumo sem nenhuma poluição, embalagem desnecessária ou desperdício”, e o único com capacidade de imunizar o consumidor e, ao mesmo tempo, beneficiar quem o produz. Com o intuito de quantificar o impacto ambiental provocado pela cultura do leite artificial, Radford afirma que se, na Índia, as crianças fossem por ele alimentadas, seria necessária uma área de pastagem para as vacas equivalente a seis vezes o tamanho da Grã-Bretanha.

Confeccionadas em materiais plásticos, as mamadeiras vêm protagonizando ainda um embate entre as indústrias e a comunidade científica, no que diz respeito à toxicidade do composto orgânico BPA (Bisphenol A), presente como elemento na produção de plásticos para acondicionamento de alimentos e em mamadeiras. Quando lavados com detergentes ou postos em contato com líquidos aquecidos, esses materiais podem liberar o polímero, causador de diversos males, em taxas significativas, que, até o momento, foram testadas apenas em animais¹⁰. Por tais motivos, o Canadá acaba de proibir o uso de policarbonato na confecção de mamadeiras.

Na China, em 2008, a adulteração de leite em pó por melamina provocou a morte de três bebês e infectou outros 6.244 (na figura ao lado, vemos a manifestação dos parentes das crianças mortas). A substância, utilizada para simular o aumento de proteínas, provoca o aparecimento de cálculos responsáveis por falhas agudas no sistema renal¹¹. Infelizmente o escândalo chinês não foi fato raro, pois existe farta documentação de problemas semelhantes em várias épocas e partes do mundo, inclusive no Brasil (*Enterobacter Sakasakii*, a bactéria dos leites em pó, disponível em www.aleitamento.com).



¹⁰ www.uff.br/Sbqrio/novidade/bisfenol520policarbonato520mamadeira.html.

¹¹ <http://newsvote.bbc.co.uk>.

ações e reações globais para resgate da prática da amamentação

Em 1979, o reconhecimento por parte da OMS/Unicef quanto à superioridade do leite humano¹², aos benefícios da amamentação para a saúde da mulher¹³ e da criança, e ao perigo de propagandas indutoras da alimentação artificial fez com que essas organizações promovessem reunião internacional sobre nutrição infantil. Como resultado, um alerta foi dado aos governantes dos países do mundo inteiro e um conjunto de normas foi concebido para controlar a propaganda dos substitutivos do leite humano. Aprimorado até 1981, o documento foi aprovado pela Assembléia Mundial de Saúde, e denominado “Código Internacional de Comercialização de Alimentos para Lactentes” (Alencar, 2002: 251).

O encontro propiciou ainda a fundação da IBFAN, International Baby Food Action Network (Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar), hoje formada por 160 grupos de ativistas distribuídos por 90 países, cuja missão é “promover e defender o aleitamento materno e eliminar as práticas não éticas de mercadização de produtos que interferem negativamente na amamentação”¹⁴. Esta medida foi gerada por pressões internacionais iniciadas em 1974, quando o Grupo de Ação para o Terceiro Mundo de Bern (AgDW) traduziu o livro *The baby killer*, publicando-o na Suíça sob o título *Nestlé tötet babies (Nestlé mata bebês)*, o que provocou um processo de difamação da empresa contra o grupo¹⁵. A partir de então, boicotes à Nestlé aconteceram em vários países (EUA, em 1977; Austrália, Canadá e Nova Zelândia, em 1978; Reino Unido, em 1980; Suécia e Alemanha Ocidental, em 1981; França, em 1982; Finlândia e Noruega, em 1983).

Não se pode deixar de citar, também, o fenômeno mundial promovido pela mobilização de grandes nomes da música pop. Em 1984, um grande grupo de músicos britânicos e irlandeses gravou o compacto *Do they know it's Christmas?*, numa iniciativa pioneira para arrecadar fundos para as crianças famintas da Etiópia. Esta iniciativa fundou a organização caritativa *Band Aid Trust*, origem dos concertos *Live Aid* em anos seguintes. O projeto inspirou o astro Michael Jackson, que promoveu meses depois encontro semelhante nos EUA para a gravação de *We are the World*, fruto de sua parceria com Lionel Richie, que se tornou um dos *singles* mais vendidos de todos os tempos, arrecadando também fundos para a campanha em prol das crianças africanas.

¹² O leite é rico em anticorpos humanos (70%), minerais e todas as vitaminas existentes, composto por 87% de água (daí não ser necessário oferecê-la ao bebê nos primeiros meses de vida).

¹³ A amamentação previne o câncer de mama e facilita o retorno do útero à dimensão normal, dentre outras benesses.

¹⁴ A ampla atuação da IBFAN contribuiu para que em 1984 a Nestlé concordasse em estender a implementação do Código Internacional, a que estava submetida há cinco anos, a países em desenvolvimento, prometendo também a futura suspensão da prática de abastecimentos gratuitos e de baixo custo. O boicote, que já atingia 10 países, foi então suspenso. Entre 1987 e 1988, a IBFAN detectou a presença de empresas de substitutos do leite abastecendo gratuitamente postos de saúde e maternidades com seus produtos e o boicote à Nestlé foi reiniciado e estendido aos fabricantes Wyeth, Bristol Myers e Abbott-Ross.

¹⁵ Em 1976 a AgDW recebeu uma multa e à Nestlé foi dado um alerta para mudança de suas práticas de marketing.

A Convenção dos Direitos Humanos da ONU, realizada em 1989, adotou a Convenção dos Direitos das Crianças, gerando um comitê específico para a questão. No ano seguinte, em Florença, o encontro *Breastfeeding in the 1990s: A Global Initiative*, organizado pela OMS/Unicef, com o apoio da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional e da Autoridade Suíça para Desenvolvimento Internacional, gerou a *Declaração de Innocenti*, documento referencial para as mudanças que se seguiriam.

Àquela altura, tornara-se claro que efeitos coercitivos sobre as empresas não solucionariam as ambigüidades e dificuldades das pessoas em relação à prática da amamentação. Segundo João Aprígio Guerra de Almeida, seriam necessárias estruturas assistenciais para dar conta dessa ambigüidade, que incluiriam não só a questão querer/poder amamentar, como também a necessidade de “compatibilizar determinantes biológicos com os condicionantes sócio-culturais” (Almeida, 1999). Assim, a *Declaração de Innocenti* trata da proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno, como meio de viabilizar sua realização, e não apenas do incentivo à sua prática ou ao controle dos agentes que constituam obstáculo para a sua realização.

A *Declaração de Innocenti* reconheceu o aleitamento materno como “processo único” e como atividade capaz de reduzir a morbi-mortalidade infantil e a incidência de doenças infecciosas em crianças. Atestou sua capacidade em proporcionar nutrição de alta qualidade para a criança, em contribuir para a saúde da mulher sob vários aspectos e em proporcionar benefícios econômicos para a família e a nação. Sinalizou ainda que a pesquisa científica demonstra que tais benefícios aumentam com a exclusividade do aleitamento nos primeiros meses de vida e sua manutenção na época de introdução de alimentação complementar, declarando, dentre outros itens, que:

- a cultura do aleitamento materno deve ser reforçada em muitos países, contra as incursões da cultura da mamadeira, o que requer campanhas de mobilização social;
- esforços devem ser envidados para aumentar a confiança da mulher em sua habilidade de amamentar, envolvendo a remoção de constrangimentos e influências que manipulem o comportamento da mulher;
- todos os países devem desenvolver políticas nacionais de aleitamento materno, com estabelecimento de metas de curto e longo prazo para os anos 90, estabelecendo sistemas nacionais para este acompanhamento¹⁶.

¹⁶ Para tanto, estabelecia que até 1995 todos os países deveriam nomear uma autoridade nacional como coordenadora de um comitê de aleitamento materno, composto por membros do governo e ONGs; implementar integralmente o Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno e resoluções subsequentes da Assembléia da OMS; elaborar uma legislação criativa de proteção ao direito ao aleitamento pela mulher trabalhadora e estabelecer meios para a sua implementação; e assegurar que as maternidades colocassem em prática os Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno, estabelecidos pela OMS/Unicef (Iniciativa Hospital Amigo da Criança).

A grande dimensão do desafio exigiu a criação de uma aliança que interligasse as organizações já atuantes, dentre elas a Liga Internacional do Leite (LLL), a IBFAN e a Associação Internacional dos Conselheiros da Amamentação (ILCA). Assim, em 1991, foi fundada a WABA, World Alliance for Breastfeeding Action, coalizão de pessoas, organizações e redes cujo objetivo é perseguir os alvos estabelecidos pela *Declaração de Innocenti*. Com sede na Malásia, a WABA tem representações locais nos territórios dos países signatários e, a fim de estabelecer ritmo e frequência para a mobilização que lhe cabe capitanear, lançou a *Semana Mundial de Aleitamento Materno*. Anualmente, a WABA estabelece um tema que norteia as atividades de profissionais da área da saúde, DE órgãos governamentais e não-governamentais, empresas, governos e população (Siqueira e Toma, 2002: 268). O comprometimento dos governos dos países faz com que a movimentação anual se dê em nível nacional e tenha força normativa para as instituições de saúde federais, estaduais e municipais, de maneira integrada¹⁷.

Entretanto, o âmbito dessas ações tende a não atingir as instituições médicas privadas, seus profissionais e pacientes. O público dessas maternidades particulares, de maior poder aquisitivo, tem mantido o arbítrio de optar por partos com hora previamente marcada, e condições diversas das estabelecidas pela aliança. Assim, o fenômeno de busca de distinção social das classes menos abastadas – por meio da imitação dos comportamentos adotados pelas camadas mais ricas da sociedade – parece permanecer com seu *modus operandi* em franco funcionamento. E o Código Internacional, aplicável aos fabricantes de leites artificiais e seus veículos, têm no modelo econômico vigente um entrave grave, na medida em que os governos dispõem de poder limitado para conter as empresas, além de muitas vezes estabelecer com elas acordos de cooperação mútua. No relatório de 2006, a IBFAN comenta o aniversário de 25 anos do Código:

• [O Código] Não está ainda efetivamente implementado por todos os governos por meio de leis, regulamentos ou outras medidas apropriadas (artigo 11.1). Em agosto de 2005, 61 dos 192 países ainda não haviam aprovado uma legislação referente ao Código e muitos outros países adotaram medidas que não levam em conta tudo o que o Código prevê. Exemplificando, na maioria dos países da União Européia, a legislação nacional baseia-se numa Norma da União Européia de 1991 (quando o Código completava 10 anos!) não aplicável às mamadeiras, chupetas e muitos substitutos do leite materno (chás, sucos para bebês, leites de seguimento). Em todo o mundo, apenas 34 países dos 192 já implementaram tudo o que o Código prevê.

¹⁷ Percorrer alguns temas das campanhas da SMAM é uma forma de conhecer as ações empreendidas pela luta internacional desde o início das Semanas: 1992. Iniciativa Hospital Amigo da Criança; 1993. Mulher, Trabalho e Amamentação; 1994. Faça o código funcionar; 1995. Amamentar fortalece a mulher; 1996. Amamentação: uma responsabilidade de todos; 1997. Amamentar é um ato ecológico; 1998. Amamentar é o melhor investimento; 2000. Amamentar é um direito de todos; 2003. Amamentação num mundo globalizado, por paz e justiça; 2004. Amamentação exclusiva: modelo de ouro, seguro, saudável e sustentável; 2006. Fiscalize o Código, 25 anos do Código Internacional de Substitutos do Leite Humano; 2007. Amamentação na primeira hora: proteção sem demora; 2009. Amamentação: uma resposta vital à emergência.

- Poucos governos organizaram sistemas regulares de monitoramento da aplicação do Código (artigo 11.2). O mesmo pode ser dito dos fabricantes e distribuidores: eles não se preocupam em monitorar suas práticas de venda e tomar medidas para corrigi-las (artigo 11.3). Quando aparentam ter feito isso, utilizam sua própria interpretação do Código, afirmando, por exemplo, que ele é aplicável apenas às fórmulas infantis, ou somente aos países em desenvolvimento, interpretações que visam a proteção dos seus lucros mais do que a proteção do aleitamento materno.
- Organizações não-governamentais preocupadas, grupos de profissionais, instituições e pessoas que realizam monitoramentos e que chamam a atenção dos governos, fabricantes e distribuidores para as violações sistemáticas do Código têm sido, muitas vezes, ignorados¹⁸.

Anualmente, o IBFAN Brasil vem realizando monitoramento da situação em relatórios que recebem o título de “Violando as normas”, onde podem ser encontradas provas de que a indústria de leites artificiais e de mamadeiras, bicos e chupetas resistem muitas vezes a restringir suas propagandas, a exibir frases de advertência em suas embalagens, insistindo em recomendar o alimento para bebês com menos de seis meses e apresentando informações indutoras ao uso do produto, baseadas em falsos conceitos de vantagem e segurança.

considerações finais

Uma intensa movimentação da sociedade civil atua juntamente a instâncias estatais, num trabalho que já completa 35 anos. À revelia desses esforços, porém, a cultura da alimentação artificial e do uso da mamadeira persiste a ponto de os problemas causados por esses produtos serem ignorados por grande parte da sociedade.

Temos como princípio confiar no produto industrial. Até que se prove o contrário. Para se provar o contrário, vítimas e notícias sobre essas vítimas são indispensáveis, seguidas de iniciativas de reação que iniciem uma luta em prol da alteração do produto ou de sua retirada de circulação pela força das leis.

Mas em relatório de maio deste ano, a IBFAN noticiou que todos os países europeus, com exceção de Noruega e Luxemburgo, desceram de categoria na escala que mede o nível de esforços governamentais para proteger a amamentação, falhando em cumprir as exigências mínimas estabelecidas pelo Código Internacional para Comercialização de Substitutos do Leite (www.waba.org.my).

O poder do mercado demonstra estar conseguindo driblar tantos esforços.

Sublinha-se, pois, a relevância do tema em pesquisas, estudos e ações nas áreas de Relações Internacionais, Direito e Design, para além da área da Saúde. Interseções do assunto

¹⁸ Atualidades em amamentação, n.º. 40-41, agosto de 2006 - IBFAN.

com o âmbito dos direitos humanos revelam violações, com o tolhimento de muitas populações ao acesso à saúde, ao desenvolvimento e à conseqüente paz social.

Vem ocorrendo também um grande e perigoso equívoco com relação à ajuda humanitária arregimentada pelos meios de comunicação, pelas ONGs e agências doadoras: a idéia de que a administração indiscriminada de leites artificiais por mamadeiras a populações vitimadas por emergências ou concentradas em campos de refugiados contribuirá para salvar vidas. A declaração do Ministro da Saúde do Sri Lanka – país com altas taxas de aleitamento exclusivo – após o tsunami de 2004, fornece eloqüente argumento para a campanha da WABA de 2009, “Amamentação: uma resposta vital à emergência”:

Um grande problema foi a distribuição de fórmulas infantis às mães que amamentavam sem o controle adequado por parte dos doadores e ONGs que atuaram emocionalmente, sem base científica, não contemplando os perigos da alimentação artificial em situações de desastre. Ademais, os meios de comunicação pediram ao público ajuda com doações de leites artificiais e mamadeiras. O Ministério da Saúde teve que superar muitos obstáculos para assegurar que as mães continuassem amamentando e não aplicou a insustentável e potencialmente perigosa prática de usar fórmulas infantis (folder da campanha).

Com relação às atuais diretrizes ambientais e de responsabilidade social, o tema desvela uma alta concentração de irregularidades que abafam o fato de a amamentação ser uma resposta pré-existente e eficaz ao desperdício de recursos naturais e um instrumento promissor para a busca política de condições sociais menos excludentes.

Da parte do Design, trabalha-se pelo reconhecimento de que não pode continuar pesando sobre os ombros dos Estados, dos órgãos de controle, das próprias indústrias e setores de comercialização de produtos ou dos meios de comunicação, a responsabilidade integral pelo acesso da sociedade a produtos que prejudicam a integridade humana e a sustentabilidade ambiental. Todo profissional que concebe produtos é participante da rede que os edifica e dissemina no seio da sociedade, e ele não pode permanecer acriticamente isento de responsabilização pelos efeitos de seu trabalho.

Nossa tarefa deve concentrar-se em auxiliar o trabalho de resgate da prática da amamentação e o projeto de meios mais adequados para alimentar bebês nas ocasiões em que o aleitamento não for possível (como o copinho, que permite que a sucção se realize de maneira natural). Pois, como afirma Paola Antonelli, curadora da exposição “Safe: design takes on risk”, ocorrida em 2005 no MOMA, o desafio que sempre se apresenta à profissão é o de contribuir para tornar as mudanças viáveis, compreensíveis e acessíveis às pessoas, provendo proteção e segurança sem sacrificar a necessidade de inovação e invenção.



referências bibliográficas

- ANTONELLI, P. Grace under pressure. In *Safe: Design takes on risk*. New York: MOMA, 2005.
- ALMEIDA, J. A. G. de. *Amamentação, um híbrido natureza-cultura*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.
- GOLDEMBERG, P. “Consumo e reprodução social: O desmame precoce na perspectiva do marketing do leite em pó num país subdesenvolvido”. In *Repensando a desnutrição como questão social*, São Paulo: Cortez Editora/UNICAMP, 1989.
- HERZ, M. e HOFFMANN, A. R. *Organizações Internacionais: História e práticas*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- MÜLLER, M. *O matador de bebês*, Recife: IMIP, 1995.
- RADFORD, A. *O impacto ecológico da alimentação por mamadeira*, Breastfeeding Review 2(5): 204-208 - May, 1992.
- SIQUEIRA, S. R. de. e TOMA, T. S. “As Semanas Mundiais de Aleitamento Materno”. In *Aleitamento Materno* (org. José Dias Rego), São Paulo: Editora Atheneu, 2002.